

Os avanços da extrema direita, capitalismo de plataforma e o neofascismo no contexto brasileiro

The Rise of the Far-Right, Platform Capitalism and Neo-Fascism
in the Brazilian context

Maria Eduarda de Sousa Lopes

Mestranda em História
Universidade Federal do Piauí (UFPI)
lopesmaria129@gmail.com

João Paulo Charrone

Doutor em História
Universidade Federal do Piauí (UFPI)
charrone@ufpi.edu.br

Recebido: 17/08/2025

Aprovado: 07/01/2026

Resumo: O presente artigo visa analisar a reorganização da extrema-direita frente ao cenário de crises e esgotamento do sistema capitalista, processo de deslegitimação da democracia burguesa e aceleração do tempo em meio às modificações acarretadas pela hipermodernidade. A metodologia empregada baseou-se no estudo de materiais bibliográficos relacionados à pesquisa, assentada nas representações discursivas por pesquisadores como Cesarino, Fuchs, Srnicek, Della Torre, Morozov, entre outros. Dessa maneira, o trabalho concentra-se em como o movimento de extrema-direita se apropria das dinâmicas das plataformas digitais e como esse espaço privilegia a produção e disseminação do projeto político reacionário desse segmento.

Palavras-chave: Mídias Digitais; Extrema Direita; Neofascismo; Capitalismo.

Abstract: This article aims to highlight the reorganization of the far right in the face of crises and the exhaustion of the capitalist system, the process of delegitimizing bourgeois democracy, and the acceleration of time amid the changes brought about by hypermodernity. The methodology employed was based on the study of bibliographic materials related to the research, based on the discursive representations of researchers such as Cesarino, Fuchs, Srnicek, Della Torre, Morozov, among others. Thus, the work focuses on how the far-right movement appropriates the dynamics of digital platforms and how this space privileges the production and dissemination of the reactionary political project of this segment.

Keywords: Digital Media; Far Right; Neofascism; Capitalism.

Introdução

Na célebre narrativa bíblica presente no evangelho de Marcos, Jesus se depara com um homem possuído por vários espíritos impuros. Durante o exorcismo, ao questionar o nome do demônio que o atormentava, obtém como resposta: “legião é o meu nome, porque somos muitos.” Simbolicamente a passagem pode ser lida como uma metáfora para compreendermos a atual configuração da extrema-direita mundial, visto que esse movimento político extremista opera na contemporaneidade assim como a “legião” bíblica, sob a lógica da multiplicidade de vozes, aparências e discursos, sejam eles nacionalistas, ultranacionalistas, conspiracionistas e, sobretudo, nas mídias sociais, onde adotam diferentes estratégias. Dessa maneira, ao lançar o olhar crítico para o cenário digital contemporâneo, percebe-se não haver somente um nome que represente esse segmento, sendo esse segmento facilmente reinventado por uma onda de sentimentalismos como o medo, a desinformação e a nostalgia de uma ordem hierárquica existente no passado que, para algumas pessoas, foi perdida.

Este estudo adota uma metodologia de análise bibliográfica crítica, fundamentada na revisão de produções teóricas e empíricas que discutem as interações entre o sistema capitalista, tecnologia e a política no tempo presente. A investigação apoia-se em um corpus diversificado de autores, permitindo uma abordagem interdisciplinar dos fenômenos discutidos.

A estrutura do trabalho organiza-se em três eixos analíticos interdependentes. Inicialmente, dedica-se à reconstituição histórica do segmento da extrema direita brasileira, com ênfase no período posterior às Jornadas de Junho de 2013, evento basilar para a consumação da ruptura institucional de 2016, processo que promove um enquadramento do Brasil na agenda neoliberal. Em seguida, o artigo avança para a discussão sobre a plataformização do trabalho e a reorganização do capitalismo na era digital, visto que as transformações no âmbito laboral ajudam na compreensão do avanço do radicalismo, visto que novos moldes de trabalho e de vida passam a ser sustentados na volatidade, efemeridade e descartabilidade sem limites (Antunes; Druck, 2015).

Por fim, a análise concentra-se no fenômeno do neofascismo no âmbito digital, examinando como as infraestruturas das *big techs* e a gestão algorítmica favorecem discursos de ódio e a formação de um imaginário coletivo reacionário. O percurso argumentativo procura demonstrar que a convergência entre a crise do sistema capitalista que leva ao cenário de precarização do trabalho, mediado nesse momento pela tecnologia, constitui um terreno fértil para a ascensão de projetos

radicais, que se servem em grande medida das plataformas para minar instituições democráticas e naturalizar retrocessos sociais.

A adoção do termo neofascismo tem como base o estudo de Lucena (2023), apesar de ele caracterizar o fenômeno como novo nazifascismo. O autor aponta que as semelhanças entre os contextos históricos do nazifascismo do século XX e as condições atuais são destacadas em tempos crise, inclusive, cita Steve Bannon como um dos agentes principais para a propagação desse novo nazifascismo:

Para Bannon, toda cultura ocidental está em uma crise sem precedentes manifesta no modo de produção, na fé e na religião, acompanhado pela crise dos princípios judaicos cristãos que fundamentam toda a civilização. Estes princípios se centram nos pressupostos do tradicionalismo, sendo uma das características principais Novo Nazifascismo. O que se busca é uma volta a valores do passado que neguem o iluminismo e o liberalismo do século XIX (Lucena, 2023, p. 141).

O contexto analisado opera intrinsecamente ao fenômeno da aceleração do tempo e ao encurtamento dos horizontes de expectativas, como defende o historiador alemão Reinhart Koselleck (2006) e Mark Fisher (2009) quando afirma que a constelação ideológica é marcada pelo esgotamento da imaginação política, por um sentimento dominante de resignação fatalista e de maneira geral, por uma espécie de encurtamento do horizonte temporal e rebaixamento das expectativas políticas.

Assim, o presente estudo assume uma postura panorâmica, reconhecendo que os fenômenos analisados são complexos, dotados de particularidades históricas. A abordagem adotada não pretende esgotar as especificidades de cada um dos processos, tampouco oferecer um exame exaustivo de casos singulares. O objetivo primordial é traçar as linhas de convergência estruturais que os articulam. Ao conectar essas esferas, o texto pretende levantar a reflexão sobre o cenário em geral em que a tecnologia passa a operar como um instrumento de um projeto político reacionário.

A legião que define a extrema direita

O tempo presente configura-se como um verdadeiro palco de tensões sociais e políticas. Essencialmente no último decênio, tem-se testemunhado, progressivamente, o avanço de ideários ultraconservadores, ultranacionalistas, segregacionistas e com fortes traços característicos dos preceitos nazifascistas no Brasil e no mundo. Esse refluxo reacionário pode ser lido como um sintoma de diversos fatores que, escancara, principalmente, a operacionalização do sistema neoliberal, o qual

desmonta a democracia ao tirar do debate democrático questões fundamentais da vida social, transvertendo em questões econômicas as quais são ditadas, sobretudo, por elites corporativas

Algumas nomenclaturas surgiram para definir a reorganização do movimento da direita extremada, como é o caso da Alt-Right¹ ou da “Nova Direita”, operam através de estratégias caóticas com elementos que, de acordo com os indivíduos envolvidos por essas ideologias, não faria sentido a confluência entre elas. Esse movimento é marcado pela interconexão entre: o libertarianismo, moralismo, ódio ao Estado, conservadorismo cristão, ultraliberalismo e racismo. Essas particularidades suscitam, como afirma Wendy Brown (2019), uma certa dificuldade para a nomenclatura desse movimento (Brown, 2019, p.10), entretanto, essa contrariedade também pode ser lida como um dos seus objetivos, dado que a mídia, seja ela convencional ou digital, ao atribuir o caráter popular para essa organização, ocasiona em uma legitimação de seus atos, ignorando assim o fator desse movimento político ser massivamente patrocinado pela elite empresarial (Casimiro, 2016).

Assim, compreender o processo de regressão da extrema direita brasileira exige não apenas analisar os eventos recentes, mas também pontuar os mecanismos que facilitam a adesão de parcelas da população assalariada a esses projetos políticos marcados pelo apelo ao autoritarismo, estes que trazem consigo marcas de retrocesso social. Logo, antes de explorar a operacionalização desse segmento político no espaço digital, é fundamental direcionar o olhar para os fatores que tornaram o cenário brasileiro um terreno fértil para o crescimento desenfreado do reacionarismo, sobretudo pela sua capacidade de sedução sobre as classes trabalhadoras, visto que não somente as elites compõem o movimento.

A organização dos setores da direita vem acontecendo desde os anos de 1980, como afirma o historiador Eurelino Coelho (2012) ao descrever que entre os anos de 1979 até 1989 é configurado pelo avanço das lutas das classes subalternas; a segunda fase, que vai de 1990 até 1998, é conhecido pelo refluxo neoliberal (Coelho apud Miranda, 2020, p. 31). Tendo em vista o âmbito ideológico, o estudo de Gabriel Onofre (2021) colabora para a compreensão da trajetória do intelectual liberal Friedrich Hayek e seu papel na formação de uma rede transnacional de *think tanks* neoliberais na

¹ A direita alternativa, tradução do termo, é um movimento político digitalmente nativo, produto da organização da extrema direita global frente o cenário digital. Diferente da direita clássica, esse movimento rejeita o *establishment*, adotando uma estética alternativa ao misturar referências da cultura *geek*, ódio racial, gênero e LGBTQ+fobia para atrair jovens para o âmbito político (Nagle, 2017).

América Latina nos últimos anos do século XX. O historiador aponta através de um relatório que o Instituto Liberal, uma das organizações intelectuais de direita basilares para esse processo de formação da extrema direita, recebeu em 1993 o patrocínio de 225 empresas:

os primeiros dez anos do Instituto Liberal (1983-1993) e considerando que as ações variaram de núcleo para núcleo, podemos identificar algumas atividades desenvolvidas pelos ILs: publicação de periódicos, livros e cartilhas³⁷; tradução de obras clássicas e contemporânea liberais; financiamento de programas de rádio e televisão; criação de concursos de monografia para jovens universitários e de prêmios para jornalistas; produção de cursos de formação, alguns deles voltados exclusivamente para professores; realização de seminários; elaboração de projetos de políticas públicas inspirados nas teorias econômicas liberais (Onofre, 2021, p. 201-202).

Dessa maneira, o significativo apoio financeiro viabilizou que os segmentos da direita pudessem se organizar frente ao âmbito educacional e cultural, tática esta essencial para o sentido da edificação da dominação, de acordo com preceitos gramscianos, visto que a reprodução do capital necessita de atores e intelectuais coletivos que, em níveis diferenciados, agem nos debates políticos e, por conseguinte, a hegemonia pressupõe a luta de classes, que é historicamente construída e cotidianamente defendida (Santos, 2021, p. 25).

De acordo com Flávio Casimiro (2016), o fator que caracteriza a Nova Direita e a diferencia das “velhas direitas”, não são os atores, sequer a ideologia, mas sim o *modus operandi*. Este, por sua vez, caracteriza-se pela materialização de uma série de aparelhos privados de hegemonia (Gramsci, 2024)². Como exemplo dessa diferenciação, destaca-se a apropriação, por parte das plataformas digitais, de indivíduos com ideários da direita extremada.

Destarte, esse novo segmento da direita radical brasileira passou por uma expressiva metamorfose entre os anos de 1990 e os anos que procederam após 2013. A direita que assume o poder durante os anos da redemocratização se reorganiza sob a égide do consenso, na tentativa de afastar-se das características da velha direita autoritária do regime civil-militar, o que ajudou a viabilizar políticas de privatizações e desmonte do Estado desenvolvimentista. Porém, após as Jornadas de Junho

² De acordo com Gramsci (2024), “o Estado tem e pede o consenso, mas também ‘educa’ este consenso através das associações políticas e sindicais, que, porém, são organismos privados, deixados à iniciativa privada da classe dirigente.” Assim, o autor destaca que tais organismos, relativamente independentes em relação ao Estado, atuam para alcançar o consenso como qualidade imprescindível à dominação.

de 2013³, o Brasil testemunha a capacidade de mobilização desse movimento entre a massa popular, apesar do evidente incômodo que esses segmentos de direita possuíam frente aos pequenos avanços de estabilidade social durante os governos mais voltados a esquerda.

A partir disso a então direita renovada perdeu a vergonha de dizer seu nome, radicalizando seu discurso e estratégias, resultando em discursos que combinavam neoliberalismo com conservadorismo moral. O palco estava montado, tendo os herdeiros do regime ditatorial de volta à cena, trazendo com eles as manifestações de guerra contra a corrupção e os avanços de doses de progressismos.

Logo, o golpe contra Dilma Rousseff demonstra os resultados da reorganização da burguesia brasileira frente à crise de hegemonia fortemente marcada após o desequilíbrio financeiro global de 2008 que trouxe para a superfície todas as contradições do modelo neoliberal e a abertura de espaço para que essa hegemonia neoliberal fosse abertamente contestada (Fraser, 2019).

Segundo Camila Rocha (2018) no livro *O ódio como Política: a reinvenção das direitas no Brasil*, as novas direitas começaram a se organizar sem maiores recursos entre o final do primeiro governo Lula e o início do segundo. Naquela época, a internet já estava sendo ocupada, a passos lentos pelos adeptos desse segmento através de fóruns de discussão, blogs, sites e comunidades, principalmente na extinta rede social *Orkut* e, posteriormente, no *Facebook*, em que se discutiam temas relacionados ao livre mercado, à defesa de valores cristãos e à conjuntura política nacional e internacional. Todavia, o momento crucial para o boom das novas direitas no Brasil se deu por meio ao ciclo de protestos pró-*impeachment* de Dilma Rousseff que, juntamente ao manuseio nas mídias sociais, esse grupo passa a se materializar fora delas, culminando na criação de fortes identidades coletivas, dinâmicas emocionais que surgem a partir dessas interações e conflitos entre grupos políticos e mudanças as estruturas.

³ Embora inicialmente tenha sido visto como uma “primavera brasileira” que energizou o segmento mais radical da esquerda, as manifestações revelaram uma crise de representação, através da rejeição a partidos e posições ideológicas. O resultado predominante foi um sentimento de rejeição da política em si, além de que o que em seu sentido maior em relação à emancipação deveria ser do domínio da esquerda, quem acabou se beneficiando desse palco foi a direita com seu enfoque moralista, instrumentalizado de maneira ufanista e antiesquerda. Dessa maneira, as Jornadas de Junho de 2013 escancararam uma crise de práxis da esquerda que se refere a incapacidade de conceber uma “vontade coletiva” orientada por um horizonte comum, devido à fragmentação das multidões e sobre a sua própria fragmentação. O molde democrático neoliberal conciliador orientado pelo Partido dos Trabalhadores, gestor da máquina estatal, também contribuiu para esse cenário de crise política e social. In: Fernandes, Sabrina. *Sintomas Mórbitos: A Encruzilhada da Esquerda Brasileira*. São Paulo: Autonomia Literária, 2019, p. 51-55.

Dessa maneira, percebe-se que os processos que se deram após esse evento se configuram em um projeto que pode ser interpretado como uma contrarreforma neoliberal autoritária (Santos, 2021). Além disso, a vitória de Jair Bolsonaro ao cargo presidencial, evidencia como esse setor político soube capitalizar o descontentamento popular frente aos governos conciliatórios. Assim, essa direita nova assume o papel de catalisadora de um projeto político reacionário, disposta a utilizar seus aparelhos privados de hegemonia para garantir seus interesses, ainda que estes sejam antidemocráticos.

A plataformização do trabalho

Considerando que para Marx e Engels (2007, p. 87), a reprodução da materialidade da vida humana se dá pelo trabalho, afinal, “o que os indivíduos são, portando, depende das condições materiais de sua produção”, é possível analisar as tecnologias como promotoras de uma robotização do ser humano, culminando no processo que pode ser denominado de “maquinização” de si mesmo. Sob esse prisma, torna-se viável analisar o impacto que o capitalismo de plataforma acarretou para o mundo do trabalho, como essas novas tecnologias moldam e prejudicam o âmbito laboral e, consequentemente, as relações sociais, visto que o Estado capitalista, não deixa de ser, nunca, uma forma de dominação política do capital sobre o trabalho (Demier, 2017).

Nick Srnicek, autor do livro *Platform Capitalism* (2017), tornou-se referência no debate acerca das transformações do molde capitalista com as ferramentas oferecidas pela era digital. O autor defende a tese de uma nova fase do capitalismo, na qual a exploração econômica dos dados ocupa o lugar central nos novos empreendimentos privados (Srnicek, 2017, p. 6). Desse modo, percebe-se que os processos de digitalização, ou, como alguns entusiastas dessas modificações denominam de otimizações do processo, causaram um impacto brutal no mundo do trabalho, ocasionando a acentuação da sua precarização.

Observando o contexto brasileiro, é notório o crescente aumento de trabalhadores por meio dessas plataformas digitais.⁴ Tendências essas que são globais, porém, se realizam de acordo com a manutenção das desigualdades, que tecem localmente os mercados de trabalho, assim como suas

⁴ Informações retiradas em: Brasil, C. I. *IBGE*: país tem 2,1 milhões de trabalhadores de plataformas digitais. Rio de Janeiro: Agência Brasil, 25 out. 2023. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2023-10/ibge-pais-tem-21-milhoes-de-trabalhadores-de-plataformas-digitais>. Acesso em 02 de jul. de 2025.

organizações nacionais. Para além disso, esses processos se originam também da centralização do capital, a qual é diversa em diferentes localidades.

O fenômeno da “uberização”⁵ se inseriu na realidade brasileira de forma acelerada, principalmente após o cenário catastrófico ocasionado pela pandemia de covid-19, no entanto, esse atual cenário de precarização detém raízes antigas. Além de tudo, a ideologia propagada pelos incentivadores à adesão desse capitalismo de plataforma é de que você pode ser seu próprio chefe, fazer seu próprio horário, que não é qualquer coisa em um país como o Brasil, conversam com os estigmas que permaneceram após a experiência da colonização, como defende Caio Prado Júnior em seu clássico *Formação do Brasil Contemporâneo* (1989), visto que as relações de trabalho do Brasil ainda são muito marcadas pelo mando, pela humilhação e pela exploração do trabalhador.

Outro fator que pode ser associado a essa fragilização do trabalho está no processo de terceirização que começa a ser construído desde a época da ditadura civil-militar brasileira. Regulamentada em 1974 com a Lei 6.019/1974, torna-se reconhecida no período de redemocratização, mas a liberação para as atividades empresariais por meio da Lei 4.302/1998, sendo aprofundada com a Lei do Trabalho Temporário imposta no governo de Michel Temer. Percebe-se assim que o avanço da terceirização foi proporcionado através do projeto de desregulamentação do trabalho, produto da intensificação na aplicação do molde neoliberal, uma vez que esse fenômeno implica em menos arrecadação para o Estado e mais autonomia para o empresariado.

De acordo com uma pesquisa feita pelo Dieese (Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos), havia 1,8 milhão de terceirizados formais no Brasil em 1995, número que chegou a 4,1 milhões em 2005 e a 12,5 milhões em 2014. Após a Reforma Trabalhista neoliberal de 2017, esse número se aproxima dos 20 milhões.⁶ Esse modelo de trabalho temporário, ao invés de promover a eficiência vendida na formulação dos seus projetos de lei, na realidade, precariza o trabalho

⁵ Termo refere-se à transição para o modelo de negócio sob demanda caracterizado pela relação informal de trabalho, que funciona por meio de um aplicativo (plataforma de economia colaborativa), criado e gerenciado por uma empresa de tecnologia que conecta os fornecedores de serviços diretamente aos clientes. Entre as plataformas prestadoras de serviços de transporte, de pessoas e mercadorias, a Uber se tornou a mais emblemática, o que acabou por ensejar a generalização da denominação *trabalho uberizado*.

⁶ Informações retiradas em: Bortolon, Eugênio. Como a terceirização e uberização precarizam as condições de vida dos trabalhadores. *Brasil de Fato*, Porto Alegre: RS, 24 de jul. 2023. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2023/07/24/como-a-terceirizacao-e-a-uberizacao-precizam-as-condicoes-de-vida-dos-trabalhadores>. Acesso em 03 de jul. de 2025.

expondo os trabalhadores a diversas vulnerabilidades socioeconômicas, como atrasados salariais prolongados e a erosão de direitos trabalhistas. No fim, essa flexibilização desenfreada das relações de trabalho resultou no fortalecimento dos ciclos de exploração, o que ajudou na consolidação do atual cenário de informalidade estrutural do Brasil.

O sociólogo Ricardo Antunes (2023) possui uma tese onde aponta que as grandes empresas, impulsionadas pelo universo informacional-digital, vêm recuperando e recriando formas pretéritas de trabalho, que tiveram vigência na protoforma do capitalismo, isto é, nos inícios da Revolução Industrial, quando as jornadas de trabalho eram demasiadamente prolongadas e os níveis de exploração eram intensificados, o que os séculos seguintes, dadas as expressivas lutas operárias, se encarregaram em tentar eliminar ou minimizar. Consonante a isso, os autores Ludmila Abílio, Henrique Amorim e Rafael Grohmann apontam como o fenômeno da uberização que já está inserido em um universo de informalidade, aumenta a escala dessa debilitação do âmbito laboral,

O trabalho subordinado por meio de plataformas tem de ser compreendido no contexto da desestabilização das categorias de análise que se constituíram em torno do emprego formal. As dualidades problemáticas que orientam a compreensão do trabalho informal como “espelho da relação salarial” perdem sua força explicativa: por um lado, a própria categoria emprego está se reconfigurando; por outro, a informalidade também se complexifica (o que parece estar em jogo são processos de informalização que envolvem até mesmo os meios de gerenciamento e controle do trabalho. Essa informalização extrapola, portanto, a condição de informalidade dos trabalhadores, atravessando o processo de trabalho como um todo (Abílio et al., 2021, p. 38).

Nesse panorama de subordinação por meio de plataformas digitais, até mesmo o ato de ser contratado muda de forma, não há recrutamento, processo seletivo, porque para se inserir nesse mercado, basta se cadastrar. Essa modificação sinaliza a informalização desde os primeiros passos, visto que o que vem posteriormente torna-se ainda mais incoerente, pois para estar no mercado precisa estar na plataforma, então o trabalhador precisa investir o seu próprio dinheiro para comprar os meios que o sustentará no trabalho ali ofertado, como a compra ou aluguel de automóveis e motocicletas, aparelhos celulares para alimentar o *software*.

Em meio as mudanças cada vez mais acentuadas sobre as atividades humanas para sistemas automatizados de processamentos de dados, surgem assim uma densidade de trabalhos acadêmicos com a intenção de examinar a atual situação da acumulação capitalista. Uma das teses que vem

ganhando destaque se trata do tecnofeudalismo, proposta por autores como Yanis Varoufakis (2024) e Durand (2021). Resumidamente, o conceito descreve que a digitalização do mundo ocasionou uma degradação do capitalismo, um retrocesso socioeconômico que gerou a ressurreição de formas mais brutais de dominação e submissão. As *big techs* não seriam mais empresas, mas feudos digitais que controlam a economia e vida cotidiana.

A analogia, entretanto, não se sustenta a partir do momento que utiliza elementos de um sistema antagonista, o feudalismo, para explicar elementos que se procederam do próprio capitalismo, como afirma Morozov em seu ensaio *Crítica da Razão Tecnofeudal* (2023), onde ele pontua que a principal crítica para essa teoria é que mundo não está experienciando eventos advindos de um pós-capitalismo, visto que formas de desapropriação e expropriação política, são características centrais do capitalismo, e não de desvios dele.

Outro estudo que reforça as teorias que apontam que o capitalismo de plataforma está resgatando moldes de servidão é o *Social Media a critical introduction* (2014) do austríaco Christian Fuchs. O autor destaca como as plataformas digitais coletam, armazenam e comercializam os dados dos usuários, transformando-os em mercadoria. Logo, o uso massivo de algoritmos, anúncios direcionados e a manipulação de comportamentos e preferências evidenciam uma nova fase de mercantilização da vida cotidiana, na qual o subjetivo, emoções e interações se tornam cada vez mais um recurso a ser explorado pelo capitalismo.

Assim, o acúmulo por meio da renda já havia sido descrito por Karl Marx (2013) como uma das modalidades de transferência ou expropriação do valor no capitalismo. A exploração do trabalho ainda é o que produz o maior valor, mas essa extração assume novas formas na contemporaneidade. Portanto, para conseguir atingir uma melhor percepção da crise do tempo presente, torna-se necessário o abandono de conceituações muito ligadas ao viés das fábricas. O cenário atual não se dá por meio da morte do capitalismo, mas de sua reinvenção, ainda mais acentuada dos seus propósitos basilares, e a divisão atual do trabalho é um produto da efetuação da agenda global do neoliberalismo.

Diante do exposto, torna-se possível observar historicamente como as políticas neoliberais se aliam as inovações tecnológicas para priorizar o capital em detrimento da qualidade de vida da classe trabalhadora, visto que na sua memória estrutural (dos dispositivos ou aplicações digitais) são codificadas respostas e soluções estabelecidas pelos organismos que os produzem, ou seja, as empresas capitalistas (Gjergji e Denunzio, 2023, p. 277). Logo, o cenário atual não se dá por meio da morte do

capitalismo, mas de sua reinvenção frente a divisão global do trabalho que é experienciado no tempo presente.

O neofascismo no meio digital

A manipulação das massas por meio dos instrumentos midiáticos sempre desempenhou um papel central nas transições para regimes totalitários. Um dos exemplos mais notáveis é a difusão do projeto político do nazista de Adolf Hitler por meio de produções cinematográficas e transmissões pelo rádio, que disseminavam discursos de medo e violência com o objetivo de consolidar uma base massiva de adeptos. Como observa Alcir Lenharo em *O Triunfo da Vontade* (2003), essas estratégias de propaganda exploravam de forma intensiva o poder simbólico e emocional da comunicação de massa, transformando-a em um instrumento fundamental de controle ideológico.

Consoante o historiador Rodrigo Turin (2019), a aceleração social nas décadas mais recentes foi intensificada pelas novas tecnologias e pela hegemonia do capital financeiro, fatores que acarretam uma sensação de dessincronização estrutural entre as esferas sociais, pulverizando o tempo histórico em uma miríade de ritmos desconexos (Turin, 2019, p. 11). A partir de Turin (2019) e Koselleck (2006), é possível pontuar que a dinâmica neoliberal operacionaliza um aparato de sincronização de tempo que encarcera a sociedade a uma temporalidade disruptiva que não permite tempo para que projetos coletivos apareçam dada a esfera de aceleração, configurando assim uma crise de representação do tempo.

É precisamente nesse contexto de crise temporal que se observa, na era digital, um crescimento exponencial dessas táticas de persuasão, agora potencializadas pela aceleração temporal e pelo sentimento de um amplo presente (Gumbrecht, 2015). Diferentemente dos eventos nazifascistas, nota-se que há uma modificação considerável no equilíbrio político. Essa mudança relaciona-se com a possibilidade de um ordenamento das massas cooptadas, visto que as plataformas digitais suscitam uma fragmentação dessas organizações sociais e políticas (Cesarino, 2021).

No tópico anterior, discutiu-se como o capitalismo de plataforma modifica as dinâmicas laborais, contornando a regulamentação estatal e acentuando a precarização herdada do avanço do neoliberalismo. Essa mesma lógica da plataformização transborda para o campo político, visto que o espalho digital, estruturado por uma arquitetura de mediação algorítmica e de captura de dados, converte-se em um terreno fértil para a reorganização da extrema direita. Desse modo, ao mesmo

tempo que a insegurança socioeconômica gera mal-estar e demanda por simplificações, as plataformas digitais oferecem o meio técnico para a articulação de um projeto neofascista, que se alimenta do cenário de desagregação social para ganhar adesão.

Em *Big Tech: a ascensão dos dados e morte da política* (2018), Evgeny Morozov realiza uma análise crítica de como as grandes empresas de tecnologia se apropriam da coleta massiva de dados para exercer uma nova forma de poder que na atualidade demonstra estar se encaminhando para uma forma que ameaça a experiência democrática. Segundo o autor, a redução da cidadania em consumidor é um dos principais pontos de como a digitalização está alterando a identidade do indivíduo, transformando o sujeito de direitos em um “usuário” ou “consumidor”, o que acarreta em um esvaziamento da capacidade de ação coletiva e imaginação de modelos de gestão alternativos.

Um exemplo indispensável para esse diálogo é o escândalo envolvendo a compra e uso político de dados coletados pelo Facebook para a empresa *Cambridge Analytica*, responsável pela campanha do republicano Donald Trump nas eleições de 2016 nos Estados Unidos, evidenciou-se como o espaço cibernético opera em consonância com a financeirização. A usurpação desses dados permitiu a criação de um sistema capaz de prever e influenciar escolhas eleitorais, expondo a vulnerabilidade da democracia diante da plataformização que atinge o cenário político.⁷ Nesse contexto, não é aleatório que o Steve Bannon, assessor político de Trump e fundador do *Breitbart News*, site de extrema direita conhecido pela disseminação de notícias falsas e conteúdos de cunho racista, tenha tido ligações com Jair Bolsonaro durante o período de campanha política em 2018.⁸

Suas técnicas para viralizar publicações difamatórias tendo como alvos centrais os políticos democratas, além de difundir teorias sobre uma hipotética conspiração global de esquerda contra os “valores tradicionais americanos”, serviram como base para a atuação digital do movimento de direita radical no Brasil, onde foi palpável a organização em forma de exército digital para construir uma rede de sustentação da campanha presidencial por meio da web 2.0.

⁷ Informações retiradas em: BBC News Brasil. Entenda o escândalo de uso político de dados que derrubou valor do Facebook e o colocou na mira de autoridades. *BBC News Brasil*. 20 mar. 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-43461751>. Acesso em 03 de jul. de 2025.

⁸ Informações retiradas em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-08-20/os-lacos-do-cla-bolsonaro-com-steve-bannon.html>. Acesso em 03 de jul. de 2025.

Outra fonte que sustenta o debate é a reportagem investigativa produzida pela agência de notícias *Intercept Brasil*, lançada no dia 6 de junho de 2025, onde descreve a participação de executivos da *Meta*, conglomerado de tecnologia e mídia social dona do *Facebook*, *Instagram* e *WhatsApp*; e do *Google* em um seminário do Partido Liberal, onde o objetivo central do evento foi de ensinar o uso de ferramentas de inteligência artificial (IA) para a comunicação política. Esse evento fornece uma ilustração concreta da afirmativa de Cesarino (2021), que aponta que a infraestrutura cibernética e a plataformação da internet intensificam a convergência formal com o neoliberalismo, pois ambas são marcadas por uma temporalidade de crise permanente.

A reportagem investigativa utilizou “Treinamento de guerra” como o título da matéria e descreve a presença massiva de militantes e influenciadores da nova direita radical. Esse ambiente ressoa com a análise de Cesarino (2021, p. 6) sobre a metafísica da desordem, a qual a autora exemplifica como uma nostalgia por líderes autoritários e “justiceiros” (agindo extrajudicialmente, se preciso for), fruto de uma sociedade entendida como estando “à beira da dissolução”.

Assim, torna-se viável a conclusão que os avanços dos projetos políticos com fortes traços neofascistas não ocorrem de forma orgânica, visto a estrutura digital na sua atual forma configura-se em uma sequência de planejamentos propositais para o benefício dessa disseminação, sendo este um dos principais motivos para o discurso amplamente replicado pela extrema-direita sobre a “liberdade de expressão”, fator que pode ser explicado pela preocupação dessa camada radical com medidas de regulamentação das plataformas digitais, visto que elas podem atrapalhar suas estratégias comunicativas.

Em vista disso, alguns pesquisadores como a antropóloga Bruna Della Torre (2025) argumentam que o avanço da extrema-direita nas plataformas digitais é uma estratégia global. De acordo com a pesquisadora:

As redes sociais possuem hoje uma capilaridade social que nenhuma outra organização jamais sonhou alcançar. As campanhas eleitorais hoje se desenvolvem quase exclusivamente por meio delas. O partido de massas foi substituído por uma nova forma: o partido digital de massas, uma estrutura que combina verticalidade – conectando diretamente o líder aos seus seguidores, da propaganda governamental às milícias digitais – e horizontalidade – articulando grupos marginais que antes estavam isolados e gerando nas pessoas (muitas vezes excluídas da política) uma falsa sensação de participação ativa (Della Torre, 2025).

Dessa maneira, as infraestruturas digitais ajudam a conformar a ressonância entre o neoliberalismo e outras forças como punitivismos, racismos, conservadorismo, religiosidade e messianismo, operando como uma "máquina de ressonância" que se propaga por meio de uma conexão por objetivos semelhantes, fator que gera um antagonismo entre quem são os aliados e quem são os inimigos (Cesarino, 2021), discursos eivados de uma retórica que busca a divisão e o conflito permanentes, o “nós” contra “eles” (Stanley, 2019). Esse tipo de discurso não apenas confere uma falsa sensação de importância, como também preenche as lacunas identitárias com significados artificiais.

Diante desse cenário, torna-se evidente que a massificação, a aceleração exacerbada da comunicação e suas ferramentas implicam no processo do aumento do fluxo do desejo pelo imediato. Esse fluxo acarreta uma articulação do passado cada vez mais próxima do presente, em um processo de compreensão temporal que redefine os marcos da memória e do debate público.

O obstáculo mais latente frente a esse cenário político reside na assimetria da competitividade pelo engajamento digital pelos setores políticos. Produções vinculadas às agendas progressistas ou pesquisadores comprometidos com o rigor ético enfrentam uma desvantagem estrutural frente a conteúdos de cunho reacionário ou negacionista. Essa desigualdade não ocorre apenas de maior articulação estratégia dos últimos anos no ambiente digital, mas também de um robusto financiamento que sustenta sua disseminação. A ilustrativa dessa dinâmica é a pesquisa realizada em 2024 conduzida pelo projeto *Brief*, organizado pelo laboratório de comunicação Quid, que pontua o domínio de grupos conservadores sobre anúncios pagos na Meta. Segundo o estudo, entre 2020 e 2024, esses grupos alinhados à direita radical investiram 3,3 vezes mais que progressistas nesse mecanismo. Destaca-se também como maior investidor individual empresa Brasil Paralelo, uma *think tank* de extrema direita que produz conteúdo negacionista, apresentada como a “verdadeira história” do Brasil e mundo.

A Brasil Paralelo é uma empresa fundada em 2016, em Porto Alegre, e atualmente com sede na cidade de São Paulo, por três homens: Lucas Ferrugem, Henrique Viana e Filipe Valerim, antigos discentes da Escola Superior de Propaganda e Marketing. De acordo com o sócio-fundador Viana, a principal referência na criação da empresa foi o Instituto Mises Brasil, organização neoliberal inspirada

nas produções da Escola Austríaca e nos cursos de filosofia do Olavo de Carvalho pela plataforma *Youtube*.⁹

Na seção "sobre nós: o que é a Brasil Paralelo"¹⁰ presente no *website* da empresa¹¹ possui uma frase que indica que o objetivo central deles é guiado por uma *missão*, assim eles prosseguem: "A nossa (missão) é resgatar os bons valores, ideias e sentimentos no coração de todos os brasileiros" (Brasil Paralelo, 2016). Diante das suas descrições, percebe-se que o trabalho em produzir materiais audiovisuais e textuais que buscam recontar o passado por um viés conservador pode ser categorizado como um aparelho privado de hegemonia, cujo o objetivo central da empresa é consolidar-se como uma instituição intelectual basilar da extrema direita. Como sintetiza Castro Rocha:

A guerra cultural bolsonarista depende de uma interpretação profundamente equivocada da história política brasileira, equívoco este agravado por uma analogia delirante que, por sua vez, ameaça as instituições culturais e as universidades com uma virulência que não encontra paralelo nem mesmo durante a ditadura civil-militar (Castro Rocha, 2023, p. 48).

A consideração de Umberto Eco (2002) sobre o fascismo fornece uma chave analítica para compreender suas ressignificações na contemporaneidade. Consonante o autor, o fascismo cresce porque oferece repostas fáceis e aparentemente viáveis para crises sociais e econômicas. Eles exploram o medo e a insegurança individual, prometendo um retorno a uma suposta grandeza passada. O fascismo cria inimigos internos e externos para unir a população contra eles, utilizando a propaganda e manipulação das emoções para consolidar o poder. Essa lógica que encontra, nas plataformas digitais, seu meio de expressão e potencialização no tempo presente.

O ambiente digital disponibiliza um espaço favorável para avanço e fortalecimento da extrema direita, bem como para disseminação de narrativas históricas e reorganização cultural sob o viés desse movimento. Esse fenômeno é amplificado pela arquitetura algorítmica das plataformas. O *Youtube*, em particular, tem sido apontado como instrumento poderosos para a formação da radicalização política, visto que seu algoritmo de recomendação conteúdos extremistas e conspiratórios (Fisher, Max; Taub Amanda, 2019). Ao explorar emoções como medo, raiva e incerteza acerca do futuro, esses canais não

⁹ Informações disponíveis em: <https://bri.net.br/quem-sao-fundadores-do-brasil-paralelo/>. Acesso em 13/10/2025.

¹⁰ Disponível em: <https://www.brasilparalelo.com.br/o-que-e-a-brasil-paralelo>. Acesso em 13/10/2025.

¹¹ Disponível em: www.brasilparalelo.com.br. Acesso em 13/10/2025.

apenas capturam audiência, mas são sistematicamente impulsionados a funcionarem como instrumento para a educação política para muitos dos seus usuários.

Conclusão

Por fim, a análise desenvolvida ao longo desse estudo buscou corroborar que a reorganização do movimento de extrema direita no Brasil atual são fenômenos ligados às transformações do capitalismo na era digital. A plataformização do trabalho e da própria esfera política criou uma estrutura fértil para a disseminação de projetos políticos reacionários, que se apropria operacionalmente das infraestruturas e lógicas das *big techs*.

Nesse contexto, a alegação episódica da socióloga conservadora, Gabriele Kuby, sobre a existência de uma suposta “hegemonia de esquerda” e um “novo totalitarismo” promovido pelos setores de esquerda, mascarado por discursos de liberdade, diversidade e justiça social, revela-se uma inversão retórica característica. Esse discurso, longe de corresponder à realidade estrutural examinada, serve paradoxalmente para ilustrar a própria operação ideológica em cena: a construção de um inimigo interno unificado, que justifica a mobilização antidemocrática. O exame das alianças entre o capital e o mundo plataformizado, unidos aos *think tanks* de direita e segmentos políticos reacionários aponta para uma consolidação de um *ethos* neoliberal autoritário, onde às necessidades de acumulação capitalista em tempos de supercapitalização (Mendel, 1982) combinam com a retirada de direitos sociais e esvaziamento das instituições democráticas.

Em suma, conclui-se que o fenômeno aqui tratado não se reduz a um simples estado passageiro. Ele representa uma convergência que é produto de uma fase de acumulação capitalista, marcada pela financeirização, precarização, vigilância e manipulação política. Assim, o futuro do “Estado Democrático de Direito” dependerá, sobretudo, da capacidade de articulação para compreender a simbiose entre o capitalismo e a plataformização da vida, que ameaça reconfigurar de forma duradoura o espaço social, laboral e os próprios horizontes de imaginação política.

Referências

- ABÍLIO, Ludmila Costhek; AMORIM, Henrique; GROHMANN, Rafael. Uberização e plataformização do trabalho no Brasil: conceitos, processos e formas. *Sociologias*, Porto Alegre, v. 23, n. 57, 2021.
- ANTUNES, Ricardo (org.). *Icebergs à deriva: o trabalho nas plataformas digitais*. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2023.
- BBC NEWS BRASIL. Entenda o escândalo de uso político de dados que derrubou o valor do Facebook e o colocou na mira de autoridades. *BBC NEWS*. 20 mar. 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-43461751>. Acesso em 03 de jul. de 2025.
- BORTOLON, Eugênio. Como a terceirização e uberização precarizam as condições de vida dos trabalhadores. *Brasil de Fato*, Porto Alegre: RS, 24 de jul. 2023. Disponível em: Como a terceirização e a uberização precarizam as condições de vida dos trabalhadores. *Brasil de Fato*. Acesso em 03 de jul. de 2025.
- BRASIL PARALELO. Sobre Nós: O que é a Brasil Paralelo? *Brasil Paralelo*. Disponível em: <https://www.brasilparalelo.com.br/o-que-e-a-brasil-paralelo>. Acesso em 13 de out. de 2025.
- BROWN, Wendy. *Nas ruínas do neoliberalismo: a ascensão da política antidemocrática no ocidente*. São Paulo: Editora Filosófica Politeia, 2019.
- CASIMIRO, Flávio Henrique Calheiros. *A Nova Direita no Brasil: aparelhos de ação político-ideológica e atualização das estratégias de dominação burguesa (1980-2014)*. Tese (Doutorado em História Social). Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, 2016.
- CESARINO, Letícia. As ideias voltaram ao lugar? Temporalidades não lineares no neoliberalismo autoritário brasileiro e sua infraestrutura digital. *Caderno CrH*, Salvador, v. 34, <https://dx.doi.org/10.9771/ccrh.v34i0.44377>. 2021.
- DELLA TORRE, Bruna. Redes sociais e o neofascismo de plataforma: crise democrática e indústria cultural digital. *Blog da Boitempo*, São Paulo, 29 de abr. 2025. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2025/04/29/redes-sociais-e-neofascismo-de-plataforma-crise-democratica-e-industria-cultural-digital/>. Acesso em 04 de jul. de 2025.
- ECO, Umberto. *O Fascismo eterno*. Tradução: Eliana Aguiar. Editora Record: Rio de Janeiro, 2002.
- ENGELS, Friedrich; MARX, Karl. *A ideologia alemã*. Tradução: Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2007.
- FERNANDES, Sabrina. *Sintomas Mórbitos: A Encruzilhada da Esquerda Brasileira*. São Paulo: Autonomia Literária, 2019.
- FISHER, MAX; TAUB, Amanda. Youtube ayudó al surgimiento de la derecha y la radicalización em Brasil. *The New York Times*, Nova York, 14 ago. 2019. Disponível em: <https://www.nytimes.com/es/2019/08/14/espanol/america-latina/brasil-bolsonaro-youtube.html>. Acesso em 8 de agosto de 2024.
- FUCHS, Christian. *Social Media a critical introduction*. Los Angeles: SAGE. 2014.

- GJERGJI, Iside; DENUNZIO, Fabrizio. Digitalização e trabalho dos professores: o exemplo da Itália. In: ANTUNES, Ricardo (org.). *Icebergs à deriva: o trabalho nas plataformas digitais*. 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2023.
- GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere, volume 3: Maquiavel, notas sobre o estado e a política*. 12 ed; Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2024.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Nosso amplo presente: o tempo e a cultura contemporânea*. São Paulo: Editora UNESP, 2015.
- KOSELLECK, Reinhard. *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.
- KUBY, Gabriele. *La Revolución Sexual Global. La destrucción de la libertad en nombre de la libertad*. Trad. esp. Pablo Cervera Barranco. Madrid: Didaskalos, 2017.
- LENHARO, Alcir. *Nazismo: "O Triunfo da Vontade"*. 6. ed. São Paulo: Ática, 2003.
- LUCENA, Carlos. *O novo nazifascismo. Relatório final de pesquisa pós doutorado*. Campinas, Unicamp, Faculdade de Educação, 2023.
- MARX, Karl. *O Capital: Crítica da economia política. Livro I: o processo de produção do capital*. São Paulo: Boitempo, 2013.
- MENDEL, E. *O capitalismo tardio*. São Paulo: Abril cultural, 1982.
- MIRANDA, João. Existe uma Nova Direita no Brasil contemporâneo? In: SANTOS, Mayara; MIRANDA, J. (orgs.). *Nova direita, bolsonarismo e fascismo: reflexões sobre o Brasil contemporâneo*. Ponta Grossa: Texto e Contexto, 2020.
- MOROZOV, E. *Big Tech: a ascensão dos dados e a morte da política*. São Paulo: Ubu, 2018.
- MOROZOV, E. Não, não é tecnofeudalismo. Ainda é capitalismo. Entrevista concedida a Daniel Denvir. *Jacobin Brasil*, 23 de jun. 2023. Disponível em: <https://jacobin.com.br/2023/06/nao-nao-e-tecnofeudalismo-ainda-e-capitalismo/>. Acesso em 03 de jul. de 2025.
- NAGLE, Angela. *Kill all normies: Online culture wars from 4chan and Tumblr to Trump and the alt-right*. Zero books: Winchster/Washington, 2017.
- ONOFRE, Gabriel. O criador e a criatura: Friedrich Hayek e a rede transnacional de think tanks na América Latina. *História Unisinos* 25(2):191-203, Maio/Agosto 2021.
- RED. Conservadores dominam anúncios pagos na Meta e gastam 3,3 vezes mais que progressistas, diz estudo. *RED: Rede estação democracia*. 20 de dezembro de 2024. Disponível em: <https://red.org.br/noticias/conservadores-dominam-anuncios-pagos-na-meta-e-gastam-33-vezes-mais-que-progressistas-diz-estudo/>.
- ROCHA, Camila. O boom das novas direitas brasileiras: financiamento ou militância? In: SOLANO, Esther (org.). *O ódio como Política: a reinvenção das direitas no Brasil*. SP: Boitempo, 2018.
- ROCHA, João Cezar de Castro. *Bolsonarismo: da guerra cultural ao terrorismo doméstico*. Retórica do ódio e dissonância cognitiva coletiva. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2023.

SANTOS, Mayara. *Agenda conservadora, ultraliberalismo e “guerra cultural”: Brasil Paralelo e a hegemonia das direitas no Brasil Contemporâneo (2016-2020)*. Dissertação, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Centro de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, 2021.

SILVA, Tarcízio. “O racismo algorítmico é uma espécie de atualização do racismo estrutural”. In: *CEE Fiocruz*, Rio de Janeiro. 30 de mar. 2023. Disponível em: <https://cee.fiocruz.br/?q=Tarcizio-Silva-O-racismo-algoritmico-e-uma-especie-de-atualizacao-do-racismo-estrutural>.

SOUSA, Sérgio de. Treinamento de guerra. Fiz as oficinas do Google e da Meta no seminário do partido do Bolsonaro. Aqui está o que aprendi. *Intercept Brasil*, 4 jun. 2025. Disponível em: <https://www.intercept.com.br/2025/06/04/oficinas-google-meta-partido-bolsonaro/>. Acesso em 4 de julho de 2025.

SRNICEK, Nick. *Platform capitalism*. Cambridge: Polity Press, 2017.

STANLEY, J. *Como funciona o fascismo: a política do “nós” e “eles”*. 2. ed. Porto Alegre: L&PM, 2019.

TURIN, Rodrigo. *Tempos precários: historicidade, aceleração e semântica neoliberal*. Zazie Edições, 2019.

VAROUFAKIS, Yanis. *Technofeudalism: what killed capitalism*. Hoboken, Melville House Publishing, 2024.